



A NEUROFILOSOFIA E O MATERIALISMO ELIMINATIVISTA



João de Fernandes Teixeira¹

Resumo:

O artigo enfatiza a necessidade de distinguir entre neurofilosofia e materialismo eliminativo. Tais concepções são frequentemente confundidas, o que provoca confusões conceituais na filosofia da mente.

Palavras-chave:

Churchlands. Neurofilosofia. Materialismo eliminativo. Problema de Molyneux.

Abstract:

The paper emphasises the need of a distinction between neurophilosophy and eliminative materialism. Such conceptions are often conflated, leading to conceptual confusion in the philosophy of mind.

Keywords:

Churchlands. Neurophilosophy. Eliminative materialism. Molyneux problem.

Nos últimos anos, venho acompanhando, assiduamente, publicações sobre neurofilosofia e sobre materialismo eliminativo. Mas serão estas disciplinas distintas? A neurofilosofia é um novíssimo ramo da investigação filosófica. Ela surgiu na metade da década de 1980 e sua proposta é ajudar a resolver os problemas da filosofia da mente por meio da neurociência. Mas será isso o mesmo que propõe o materialismo eliminativo? Penso que a resposta é negativa.

Examinemos a década de 1980. Não havia muita aproximação entre neurociência e filosofia. Poucos filósofos sequer se referiam a problemas neurocientíficos. Thomas Nagel e Daniel Dennett foram exceções. Nagel escreveu um artigo para filósofos da mente, “Brain Bisection and the Unity of Consciousness”, no qual aborda o problema da comissurotomia, ou, mais precisamente, das consequências cognitivas e filosóficas da separação cirúrgica dos hemisférios cerebrais. Dennett, por sua vez, escreveu um artigo sobre a im-

¹ PhD pela Universidade de Essex, Inglaterra.

possibilidade de uma máquina sentir dor, no qual se utiliza de várias explicações neurocientíficas. E no final admite que a única abordagem não-dualista da dor é o materialismo eliminativo.

Em 1986, Patrícia Churchland publica o livro *Neurophilosophy: Towards a unified science of mind/brain*, um marco fundamental na aproximação entre neurociência e filosofia. O livro teve grande impacto, especialmente porque, até então, quem queria estudar a mente buscava dados e pesquisas na ciência da computação e na inteligência artificial. O computador era considerado o modelo da mente. Achava-se que um cérebro biológico igual ao nosso não seria necessário para produzir uma mente; ela poderia ser produzida, por exemplo, por um dispositivo de silício.

Com o advento da década do cérebro, os anos 1990, essa situação muda radicalmente. A invenção da neuroimagem e outros desenvolvimentos da neurociência impediam os filósofos da mente de ignorar a neurociência, especialmente no que diz respeito à discussão do problema mente-cérebro. Essas novas técnicas traziam mais força à proposta dos Churchlands, que passou a contar com mais adeptos. Nomes como Pete Mandik, Valerie Hardcastle e outros engrossaram as fileiras dos novos neurofilósofos. A neurofilosofia torna-se mais ambiciosa e se propõe a explicar outras questões filosóficas, além dos problemas da filosofia da mente. Mas será que isso é possível? O que têm feito os neurofilósofos nos últimos anos?

Um neurofilósofo destacado é Shaun Gallagher. No seu livro, *How the Body Shapes the Mind*, ele relata como a neurociência pôde resolver a questão de Molyneux, um problema filosófico que se arrastou por séculos. William Molyneux, numa célebre carta a John Locke, há 300 anos, fez uma pergunta que filósofos como Berkeley, Condillac e Diderot tentaram responder no século XVIII.

O que é o problema de Molyneux? Imagine uma pessoa cega de nascença que possa, através do tato, distinguir entre uma esfera e um cubo. Suponha agora que, através de uma operação, o cego subitamente recobre a visão. Será que ele poderia distinguir a esfera e o cubo somente pela visão, sem antes tocá-los?

Essa questão tornou-se particularmente séria para os empiristas nos séculos XVII e XVIII. Eles precisavam sustentar que o cego não pode fazer a distinção entre esfera e cubo e relacioná-la com a visão, sem que para isso fosse necessária a experiência. Ou seja, eles precisavam responder negativamente a essa questão. O cego precisa aprender a distinção; nunca se poderia presumir conhecimento prévio à experiência.

No século XX, Donald Hebb, um famoso psicólogo, respondeu negativamente ao problema de Molyneux. E Merleau-Ponty também abordou esse problema para tentar respondê-lo negativamente.

Todavia, só nos últimos anos se chegou a uma resposta definitiva ao problema, e graças à neurociência. Hebb, Merleau-Ponty e outros estavam certos ao respondê-la negativamente. Na verdade, o que a neurociência mostrou é que é impossível resolver o problema de Molyneux ao elucidar que existe um período crítico de 3 a 12 semanas no início da infância, no qual a experiência visual é necessária para que o córtex visual se desenvolva. Um cego de nascença, permanecendo nessa condição durante esse período, não pode mais recuperar a visão.

Locke, Hebb e Merleau-Ponty estão comprovadamente corretos na sua resposta negativa ao problema de Molyneux, mas por razões diferentes daquelas que a neurociência aponta. Não é o empirismo que permite sustentar uma resposta negativa ao problema de Molyneux, mas o fato bruto de que ele não faz sentido. O paciente de Molyneux nunca poderia sequer enxergar, pois nunca poderia ter desenvolvido seu córtex visual. Mas, será que com isso, a neurociência teria dissolvido um problema filosófico clássico?

Certamente, afirmar isso não passa de um exagero. Ela é, antes de tudo, mais uma tentativa de seu refinamento em termos de análise conceitual. E aqui podemos detectar que neurofilosofia e materialismo eliminativo são posições filosóficas distintas, apesar de, muitas vezes, entrelaçarem-se.

Como toda nossa percepção e raciocínio passam pelo cérebro, podemos até supor que a explicação de sua natureza deve ser parcialmente obtida pela neurociência. Mas isso não implica que possamos reduzir todos esses fenômenos – a percepção e o raciocínio – a neurônios. Fazer isso consiste em adotar uma perspectiva reducionista, e é isso o que, infelizmente, os Churchlands fazem quando tentam eliminar inteiramente a psicologia e a filosofia e substituí-las pela neurociência. Mas esse tipo de reducionismo, que no caso dos Churchlands é chamado de *materialismo eliminativo*, leva a neurofilosofia a um compromisso que não parece ser dela. Não é preciso reduzir os problemas filosóficos a regiões do cérebro ou a neurônios para se praticar a neurofilosofia.

Em outras palavras, a neurofilosofia se contenta em colaborar com os problemas da filosofia da mente. O materialismo eliminativo deseja superar esses problemas. É possível que em algum momento a neurofilosofia precise adotar uma postura eliminativista para resolver algum problema. Mas dificilmente acharemos um manual completo de ma-

terialismo eliminativo, ou seja, um manual que explique todo funcionamento mental. O eliminativista retrucará que isso não ocorreu ainda, mas não é impossível.

Isso nos leva a um fato curioso: até hoje não encontrei nenhuma eliminação de algo mental por algo físico. Nada, desde que o materialismo eliminativo foi proposto há quase 50 anos. Talvez se adotasse esta postura mais modesta, os materialistas eliminativistas tivessem algo consensual para entregar.

O eliminativismo não parece ser um compromisso da neurofilosofia. Como nos disse Dennett no seu famoso dicionário filosófico on-line: “Os Churchlands são churchland”. Ou seja, a terra que fica em volta da igreja, que antigamente era usada como cemitério. É lá que os Churchlands enterrarão as vítimas do seu materialismo eliminativo. Até que um dia a psicologia desapareça.

Referências

CHURCHLAND, P. **Neurophilosophy**: Towards a unified science of mind/brain. Cambridge: Bradford Books, 1989.

DENNETT, D. **Brainstorms**. Cambridge: The MIT Press, 1978.

GALLAGHER, S. **How the body shapes the mind**. Oxford: Clarendon Press, 2006.

NAGEL, T. Brain Bisection and the Unity of Consciousness. In: NAGEL, T. **Mortal Questions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.



